



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 01

Ouvindo Vozes

Branca Vianna: Esse é o primeiro episódio do Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. Aliás: Vianna é o sobrenome da família do meu pai. Eu nunca usei o sobrenome da família da minha mãe, que é Moreira Alves. Na época da ditadura, esse sobrenome ficou conhecido por causa do meu tio, o Márcio Moreira Alves. E a primeira história que cê vai ouvir hoje tem a ver com ele.

Dependendo da tua idade, talvez você nunca tenha ouvido falar no meu tio Marcito. Mas ele foi, digamos, conhecidinho na época da ditadura. Quer dizer: pegava bem, nos círculos de esquerda, ser sobrinha do Márcio Moreira Alves. O que também quer dizer que era bem perigoso ser o Márcio Moreira Alves no Brasil.

O meu tio era jornalista e deputado. E ele tinha até apoiado a saída do João Goulart num primeiro momento. Mas não demorou muito pra ele entender o tamanho da burrada que tinha sido passar o poder pras mãos dos militares.

Ele foi se chocando com a repressão, com a tortura... e aí, quatro anos mais tarde, ele fez um discurso tão contundente em pleno Congresso Nacional, que ele entrou pra história como "o deputado que provocou o AI-5".

*Ator Maurício Branco interpretando Márcio Moreira Alves
no filme "AI-5 – o dia que não existiu":*

Senhor presidente, Senhores deputados...

Branca Vianna: Essa *não* é a voz do meu tio Marcito. A gravação original desse discurso se perdeu. Esse que a gente tá ouvindo é o ator Maurício Branco, que interpretou o meu tio num documentário chamado "AI-5 - O dia que não existiu", do Paulo Markun e da Adélia Sampaio.

*Ator Maurício Branco interpretando Márcio Moreira Alves
no filme "AI-5 – o dia que não existiu":*

*... creio haver chegado o grande momento da união pela
democracia...*

Branca Vianna: No discurso, o tio Marcito pediu um boicote aos desfiles de 7 de setembro. E, pior – coisa que deve ter calado fundo na alma dos militares...

*Ator Maurício Branco interpretando Márcio Moreira Alves
no filme "AI-5 – o dia que não existiu":*

*... esse boicote pode passar também às moças, aquelas que
dançam com cadetes e namoram jovens oficiais...*

Branca Vianna: O meu tio conclamou as mulheres a *não namorarem militares*. Aí esse deputado foi longe demais, né? Até que alguém pensou: "pra que serve deputado mesmo, hein? A gente não tá numa ditadura?" Só que não era bem assim... Até aquela altura, o regime militar tava querendo conservar algum

verniz de democracia. E, como o meu tio era parlamentar, eles iam precisar de autorização do resto da Câmara Federal pra abrir um processo contra ele.

Mas, antes disso, o meu tio – que não era bobo nem nada – já tinha fugido do país. E o governo militar também não perdeu tempo: convocou o Conselho de Segurança Nacional e editou o Ato Institucional Número Cinco, o AI-5, poucos meses depois. Dali em diante, o presidente podia fechar o Congresso Nacional, governar por decreto, e suspender os direitos políticos dos cidadãos.

Só que, pela constituição – mesmo a constituição de 67, que já é da época da ditadura – você não podia condenar um deputado no exercício do mandato.

General Rodrigo Octávio: Vamos tomar, eu vou tomar uma decisão revolucionária, deixando de lado a lei.

Branca Vianna: Essa gravação é de 1976, oito anos depois do meu tio ter ido pro exílio. Quem tá falando sobre ele é o General Rodrigo Octávio, numa sessão do Superior Tribunal Militar. E essa é mesmo a voz do Rodrigo Octávio. Daqui pra frente não vai mais ter nenhum ator, as gravações são todas originais das sessões do STM.

General Rodrigo Octávio: Condená-lo em bases jurídicas é completamente, na minha opinião, completamente inexecutável.

Branca Vianna: Esse áudio tá bem ruim, né, mas o que ele diz é que "condená-lo com bases jurídicas" – na opinião dele – "era completamente inexecutável". Quer dizer: não dava pra executar, não dava pra fazer isso. E é curioso ouvir isso, porque o meu tio Marcito foi, sim, condenado a dois anos e três meses de prisão nesse julgamento. Ele não foi preso – porque tava exilado. Mas ele foi

condenado. E só voltou pro Brasil depois da Anistia. Mas aí, nessa sessão do Superior Tribunal Militar, o general Rodrigo Octávio julgou que precisava tomar uma decisão "revolucionária".

General Rodrigo Octávio: ... uma decisão revolucionária, deixando de lado a lei.

Branca Vianna: Ou seja: atropelar a constituição feita por eles mesmos.

General Rodrigo Octávio: ... porque pela lei não se pode condenar, de maneira nenhuma. Porque ele é inviolável. E só se pode condenar alguém, algum deputado, pela Constituição de 67, se a Câmara tivesse dado licença. E ela não deu.

Então, não estamos julgando aqui como um tribunal, como um verdadeiro tribunal de justiça. Estamos julgando como um tribunal de segurança. Essa é a realidade dos fatos, e não devemos ter eufemismos pra dizer.

Branca Vianna: Eles não deviam "ter eufemismos pra dizer" porque eles tavam em território seguro: falando com militares, sobre decisões militares, durante um regime militar.

É esquisito ouvir uma coisa que não foi feita pra você ouvir, né? Dá uma sensação de ser uma mosquinha na parede. De coisa proibida, de grampo ilegal, de serviço secreto...

Não era nada disso. Os militares sabiam que eles tavam sendo gravados. Era uma gravação oficial. Mas era um procedimento interno. Não era pra ser de conhecimento público.

Só que aí, corta pra 84, redemocratização... e as regras já eram outras. E esse sigilo deveria ter sido suspenso.

Vitor Hugo Brandalise: É, mas não foi... pelo menos não imediatamente.

Branca Vianna: E não sem esforço, né?

Vitor Hugo Brandalise: Não sem esforço.

Branca Vianna: Esse é o Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior aqui da Rádio Novelo. O Vitor conversou com o pesquisador que conseguiu acesso a essas gravações. Um pesquisador que tá ouvindo, há cinco anos, milhares de horas dessas sessões do Superior Tribunal Militar. Como se fosse uma mosquinha que viajou no tempo pra pousar numa parede de quase cinco décadas atrás.

ATO1

Vitor Hugo Brandalise: O nome desse pesquisador é Carlos Fico.

Carlos Fico: ... Carlos Fico ...

Vitor Hugo Brandalise: E ele é professor...

Carlos Fico: ... professor titular de História do Brasil da UFRJ.

Vitor Hugo Brandalise: Em 2005, o Fico soube da existência desses áudios.

Carlos Fico: Eu vi que um advogado iniciou um processo junto ao Supremo Tribunal Federal para obter acesso aos áudios do STM, do Superior Tribunal Militar. Então eu fiquei acompanhando esse julgamento. O advogado teve sucesso.

Vitor Hugo Brandalise: O advogado, no caso, era o Fernando Fernandes. Ele entrou com esse pedido no Supremo Tribunal Federal, o STF, que é um tribunal civil... e ele fez isso por uma razão pessoal: ele tava interessado no julgamento do pai dele – o também advogado Tristão Fernandes, que tinha sido perseguido pelo regime. Os pedidos no Supremo são públicos, então o Carlos Fico acompanhou o andamento deste pedido. Até que...

Carlos Fico: o Supremo Tribunal Federal determinou que o STM liberasse os áudios. Mas o STM não obedeceu. E aí houve todo o problema aí nessa decisão...

Vitor Hugo Brandalise: "Problema" porque levou 12 anos pro Tribunal Militar obedecer a decisão da justiça civil.

Carlos Fico: ... até que finalmente o Supremo deu ordem definitiva e o STM teve de liberar o acesso aos áudios.

Vitor Hugo Brandalise: Isso aconteceu só em 2017. E o Fico não perdeu tempo.

Carlos Fico: Então eu fui até Brasília e comprei um HD de não sei quantos terabytes e cheguei lá na portaria e me identifiquei. Subi até a biblioteca e falei com o funcionário: "Aqui, eu vim gravar. Tudo. Eu quero gravar tudo". Esse advogado, Fernando, ele fez uma análise de só de algumas poucas sessões. E eu falei: "Não, tem que ouvir tudo, não adianta", né.

Vitor Hugo Brandalise: "Tem que ouvir tudo".

Carlos Fico: ... lá no tribunal me falaram: "umas 10 mil horas". Agora, eu não vou parar a minha vida para contar isso, porque cada uma sessão de julgamento pode durar de meia hora, três, quatro horas, então...

Vitor Hugo Brandalise: O Fico não vai parar a vida dele pra *contar* quantas horas são. Mas ele parou a vida dele pra *ouvir* e analisar as *possíveis* 10 mil horas. Na verdade, desde 2017, essas gravações mudaram a rotina do Fico: ele passa mais da metade do dia de trabalho dele dedicado a elas.

Carlos Fico: Eu acordo muito cedo. Depois de tomar café, leio jornais e tal e ainda bem cedo começa a audição desse material. Por volta de 8 da manhã. E fico fazendo isso até 13 horas.

Vitor Hugo Brandalise: Cinco horas por dia, há cinco anos. Mas não tem cálculo fácil pra prever quanto tempo de trabalho ele ainda tem pela frente, porque alguns trechos não dá pra ouvir só uma vez...

Carlos Fico: ... tive que ficar ouvindo repetidas vezes, repetidas vezes ...

Vitor Hugo Brandalise: Então não dá pra fazer uma regrinha de três aqui e cravar: vai terminar tal dia.

Carlos Fico: Eu estou no ano de... final de 81, início de 82.

Vitor Hugo Brandalise: Essas gravações que o Fico tá ouvindo foram feitas entre 1975 e 1985, na fase de reabertura do regime. Eu até arrisquei uma conta rápida ali com ele e chutei que ele ainda ia levar uns três anos pra

terminar... mas aí ele me falou que não é por aí. Agora a pesquisa já tá mais em voo de cruzeiro. Na verdade, já tá indo cada vez mais rápido.

Carlos Fico: Eu acho que no ano que vem eu vou concluir, porque é maior a facilidade agora. Eu já estou muito familiarizado, sei identificar melhor as coisas.

Vitor Hugo Brandalise: O Carlos Fico pesquisa sobre ditadura militar há 30 anos. E, como todo bom pesquisador, ele é rato de arquivo. Ele não se intimida com quantidade de informação. Na verdade, ele se sente à vontade quando tá se enfurnando em grandes massas documentais. Só que esse "manancial" era um pouco diferente.

Não sei se você consegue sentir o drama que é pegar um volume de talvez 10 mil horas de áudio pra destrinchar...Esse volume eu também não sei. Mas, ouvindo o Fico falar desse desafio, bateu uma identificação forte aqui em mim... porque áudio é uma coisa relativamente nova na minha vida. Antes de vir trabalhar na Rádio Novelo, há dois anos, eu era um cara do texto escrito. Eu trabalhei no Estadão, na Piauí, na BBC – às vezes até na área digital, mas sempre com texto escrito. E trabalhar com áudio é outra história.

Carlos Fico: É que não tem um instrumento de pesquisa.

Vitor Hugo Brandalise: Num áudio, não dá pra "dar uma olhada", "bater o olho" numa palavra que você tá procurando – que nem quando você tá com um documento impresso na mão. Com um texto digitalizado é mais fácil ainda. Você consegue dar um "Ctrl+F" e buscar um termo específico.

Já pra estudar um documento em áudio, você tem que transcrever. E tá certo, quando você tem alguma informação sobre o áudio que você tá lidando, é uma coisa... mas pesquisar num acervo de áudio, se ele não tiver organizado – ou se ninguém te explicar a lógica por trás dessa organização... – é um desafio...

Carlos Fico: Você tem simplesmente os áudios e se vire.

Vitor Hugo Brandalise: Quando o Carlos Fico brotou no STM com um HD e pediu todo o acervo, ninguém sentou com ele pra explicar nada. E ele também não pediu. Ele só pegou logo o que ele queria e saiu fora. Quer dizer: só pra entender o que era o quê naquele monte de áudio que ele tinha na mão, já era uma trabalheira...

Carlos Fico: Porque os arquivos sonoros são identificados de uma maneira muito complexa, típica da cabeça dos militares. Então eu tive que tentar compreender o próprio arranjo físico daquele acervo. Por exemplo, as sessões secretas são misturadas com as sessões públicas.

Vitor Hugo Brandalise: ... lembrando que as sessões não foram gravadas pensando no público, né?

Carlos Fico: Essa prática de gravar começou em meados dos anos 70, inclusive na Presidência da República, no governo Ernesto Geisel e também em outras cortes superiores. Então, a gente sabia da existência desses áudios. Que são muito significativos, porque as atas escritas no final das sessões de julgamento, elas são muito, muito formais, sintéticas e não dizem nada, apenas registram a súmula. Ou seja, "ficou decidido que o réu é absolvido ou condenado a tantos anos", e ponto final. Então, toda a riqueza de debates que há na sessão entre os ministros civis, ministros togados, advogados de defesa, procurador militar só pode ser conhecida por meio desses áudios, né?

Vitor Hugo Brandalise: Ou seja: esse material em áudio é muito mais rico, muito mais cru do que o que os pesquisadores tinham acesso até então. Só

que o Fico descobriu uma coisa que eu também descobri nesses últimos anos aqui na Novelo: que não bastava transcrever tudo. Porque o registro da fala é completamente diferente do registro escrito – ainda mais do registro de documentos.

Tem uma comunicação na voz que escapa ao texto. Vai ter sempre alguma entonação, um "jeito" que a pessoa fala, uma pausa, uma emoção na voz... um pouco de sarcasmo ou de ironia, uma risadinha discreta, por aí. O Fico não podia mandar um grupo de alunos de graduação transcrever tudo, pra ele só fazer uma leitura por cima, assim, e ir pinçando umas palavras-chave. Até porque tem todo um "vocabulário", um jeito de falar militar que escapa ao "Ctrl+F".

Vou dar um exemplo. Antes da entrevista que eu fiz com ele, o Fico tinha me passado alguns arquivos desse "manancial sonoro" que ele fica ouvindo todo dia. E, de cara, teve uma palavra que me chamou a atenção. Uma palavra que aparecia o tempo todo:

General Rodrigo Octávio: Houve uma sevícia e ela declara aqui nos autos.

Vitor Hugo Brandalise: "Sevícia".

Ministro Gualter Godinho: a sevícia ficou evidentemente demonstrada.

Vitor Hugo Brandalise: Eu fui no dicionário Houaiss e vi que "sevícia" é sinônimo de "tortura". Minha primeira interpretação foi que os militares tavam usando essa palavra menos conhecida pra dourar a pílula. Tipo um

eufemismo pra falar de tortura. Mas o Fico disse que ele não entende assim. Que era só militar falando que nem militar, mesmo.

Carlos Fico: Em relação a essas duas palavras, eles usavam como sinônimos. Não há tentativa de eufemismo, nada disso.

Vitor Hugo Brandalise: Depois eu vi que ele tinha razão... porque, mesmo sendo sinônimos, muitas vezes eles usavam as duas palavras na sequência, como se elas não fossem sinônimos. Como se fossem duas coisas diferentes.

General Rodrigo Octávio: torturas e sevícias das mais requintadas [...]

General Rodrigo Octávio: Mas um fato que eu quero chamar a atenção é o problema das torturas e das sevícias.

Vitor Hugo Brandalise: Esse que a gente ouviu agora é o General Rodrigo Octávio. Deve ter chamado a tua atenção ouvir um general falando do "problema das torturas e das sevícias". Dá até um alento, né? Um general tava ali sendo... razoável, denunciando o crime de estado. Mas o Fico cortou logo essa ilusão.

Carlos Fico: Não tem bonzinho nessa história. Ele apenas era contra tortura. Quer dizer, isso, aliás, não é valor positivo para ninguém. É o óbvio ululante, ninguém deve ser a favor de tortura. Então, ele passou como um general que fazia essas denúncias, que pedia a investigação das denúncias de tortura, o que é muito justo. Mas ele também foi um general favorável à repressão. Inclusive quando houve o caso do Márcio Moreira Alves ele foi um dos generais que pediram a decretação de um novo ato institucional. Que foi o AI-5, o famoso AI-5.

Vitor Hugo Brandalise: Sim, o General Rodrigo Octávio era aquele mesmo que "tomou uma decisão revolucionária, deixando de lado a lei"...

General Rodrigo Octávio: ... uma decisão revolucionária, deixando de lado a lei.

Vitor Hugo Brandalise: ... e pediu a condenação do Márcio Moreira Alves à prisão, mesmo isso sendo inconstitucional.

Carlos Fico: É impossível fazer um julgamento baseado em leis de exceção, que são os atos institucionais, lei de Segurança Nacional, sem que você tenha um perfil autoritário. Porque é um absurdo submeter um civil à justiça militar por um suposto crime político.

Vitor Hugo Brandalise: O Carlos Fico nunca perde de vista do que se trata o material que ele tá pesquisando: um tribunal de ministros militares que julgava crimes políticos que teriam sido cometidos por civis.

Carlos Fico: Crimes políticos podiam ser desde um panfleto contra a ditadura que você distribuiu, ou você vai preso porque foi pego pichando um muro "Abaixo a ditadura", ou porque você era, participava de um partido clandestino, enfim. E esses crimes políticos sempre chegavam lá.

Quando havia réu absolvido, o STM fazia sessões secretas, com medo de que esse réu, absolvido na primeira instância, se eventualmente punido na segunda, lá no STM, ele fugisse ou coisa parecida. E também os casos mais, assim, escabrosos ou delicados eram julgados em sessão secreta.

Vitor Hugo Brandalise: "Casos escabrosos". "Delicados". Eu não sei se eu ia ter estômago pra isso. Parece um processo super penoso...

Carlos Fico: ... é claro que às vezes é meio penoso, cansativo, sobretudo cansativo. Mas não me desagrada ouvir.

Vitor Hugo Brandalise: "Não desagrada ouvir"... Me deu um estranhamento pensar que o Carlos Fico não fica desagrado dedicando horas da vida dele mergulhado num dos piores capítulos da história do Brasil. Mas, pensando bem, não tem muito um outro jeito de fazer esse trabalho. A gente admira a coragem dos bombeiros, dos médicos que não ficam imobilizados pela emoção quando tão trabalhando. Talvez não seja tão diferente assim para um pesquisador.

Carlos Fico: A gente precisa desenvolver, profissionalmente, né, ao longo dos anos conseguimos uma relação de distanciamento. É uma das questões teóricas mais importantes até da História do Tempo Presente, essa especialidade em que me insiro.

Vitor Hugo Brandalise: Claro que é mais fácil você ter distanciamento quando você tá pesquisando – sei lá – uma guerra que aconteceu no século 12 antes de Cristo. É bem mais complicado quando o seu objeto de estudo é uma ditadura que você viveu.

Carlos Fico: Nós discutimos muito isso, eu e meus colegas em outros países, porque quando você trata de eventos sensíveis, né... Imagina os pesquisadores do nazismo, os pesquisadores de regimes totalitários, de ditaduras na Espanha, em Portugal, no apartheid na África do Sul, pesquisadores dos genocídios, os pesquisadores das ditaduras militares. Então para a gente não se inserir numa relação subjetiva em

excesso, que tende a se tornar uma coisa denunciata... E a denúncia do Mal, ela é um truísmo, né. Quer dizer, a gente não faz quatro anos de graduação, dois anos de mestrado e quatro anos de doutorado e fica pesquisando cinco, dez, 15, 20 anos para dizer: "ah, a tortura é condenável". "Bom, meu amigo, não precisa fazer, ser historiador para dizer isso". Então, a produção de um conhecimento mais objetivo implica um certo distanciamento que pode parecer cruel ou pode parecer, assim, um pouco duro, mas é fundamental para que a gente não tenha um envolvimento na linha do bandido/mocinho.

Vitor Hugo Brandalise: Mas não é fácil ter esse distanciamento. Então o Fico criou uma missão pra ele. Quer dizer: ele quer ouvir e sistematizar todo esse acervo. E essa sistematização que ele tá fazendo vai servir de base pra muita pesquisa e muita análise futura, de outros pesquisadores. Mas, em vez de mergulhar nesse emaranhado *sem bússola nenhuma*, o Fico estabeleceu de cara um recorte pra pesquisa que *ele* vai produzir depois de esgotar todo esse arquivo. Que já é um tema de interesse dele há muito tempo: a "moldura institucional" do regime militar brasileiro. O conceito de "estado forte".

Carlos Fico: que nada mais é do que um Estado, uma Constituição, com instrumentos rígidos de segurança do Estado. Com um estado de sítio duro, estado de defesa, estado de emergência, coisas assim. Então, onde eu poderia estudar isso? Eu sabia que seria ouvindo as sessões do STM, porque, é claro, os ministros do STM tinham de decidir. "Vamos aplicar a Constituição de 67" ...

Vitor Hugo Brandalise: Que era a que tava em vigor.

Carlos Fico: "... ou os atos institucionais?" Então, esse debate é que me interessava. Eu precisei, antes de começar a ouvir, estabelecer essa

disciplina: eu tô atrás da suposta contradição entre a aplicação da Constituição ou dos atos institucionais. Não queria me perder, né?

Vitor Hugo Brandalise: Ele quer entender qual é a "lei da ditadura". Quais são as "quatro linhas" da constituição ditatorial.

Carlos Fico: Mas por que que eu fiz essa reflexão? Porque eu já sabia que seria uma coisa muito impactante, com muitas declarações grotescas ou muitos momentos emocionantes. Então, toda essa carga emocional, seja negativa, seja positiva, eu sabia que ia encarar e por isso eu fiz esse... estabeleci essa diretriz.

Vitor Hugo Brandalise: No fim, estabelecer essa diretriz é o que salva o Carlos Fico de se impactar com o que ele tá ouvindo, a ponto de comprometer o trabalho dele. Ele ouve sistematicamente. Que nem um médico operando um coração ou um bombeiro apagando um incêndio: com método. Protocolo.

Carlos Fico: Agora, é claro que eu, quando me deparava com um desses momentos mais carregados emocionalmente, para o bem ou para o mal, eu anotava também para, em algum momento, usar, como acabei usando.

Vitor Hugo Brandalise: O Fico sabia que eram esses trechos que iam despertar os ouvidos.

Carlos Fico: Claro, que eu sabia que teria grande interesse público.

Vitor Hugo Brandalise: E aí, quando o pesquisador tira o chapéu de rato de arquivo e põe o chapéu de divulgador científico, ele sabe que o registro tem

que ser outro. Sai toda a frieza do método que ele criou pra se proteger do conteúdo do arquivo, e entra outra coisa.

Carlos Fico: Olha, em história, a gente tem uma discussão muito conectada com a oratória clássica. E o bom orador seria aquele que consegue exercer a "demonstrátil" por meio da "enargéia". São duas expressões um pouco presunçosas, né? E que significam o seguinte: é como se fosse um ato mágico que você faz aparecer diante da plateia aquilo que você está narrando. Você fala com tanta energia, com tanta eloquência, usa figuras de linguagem tão importantes... o teu discurso, o teu discurso se torna tão repleto de energia, ou de "enargéia", que então a audiência como que vê aquilo que você está narrando.

Elizabeth Diniz: Nesse processo, o saldo foi terrível. Essa mulher chegou para depor num estado que não tinha condições.

Carlos Fico: E aí você conseguiu demonstrar, fazer esse ato do "demonstrátil" para a sua plateia. Então, algumas atividades do historiador têm a ver com essa pretensão da oratória. No sentido de que eu quero convencer você por meio das evidências mais indiscutíveis, né.

Elizabeth Diniz: É um tipo de tortura que eu não tenho coragem de dizer a Vossas Excelências. Apenas digo que os seus cabelos negros ficaram... tornaram-se totalmente brancos em um mês de presídio [engasga]. Brancos estão até hoje.

As testemunhas vêm e dizem que ele falava como se tivesse trocando as declarações pela sua integridade física.

Carlos Fico: E portanto isso é a capacidade de a narrativa histórica ter energia, estar repleta de energia e ser capaz de comprovar, demonstrar. Ora, os documentos históricos têm essa capacidade, com certeza. Muitas vezes as pessoas ficam impactadas quando veem, por exemplo, um documento secreto da ditadura, com aqueles carimbos, aquelas tarjas, né? Mas é claro que a voz propriamente dita de um general, de um brigadeiro, de um almirante, tem essa capacidade de energia e de demonstração muito maior ainda, né?

Vitor Hugo Brandalise: O Carlos Fico quer que as pessoas ouçam como era viver um regime ditatorial. Então, ele inventou outra metodologia pra fazer que a energia daquelas vozes registradas naquelas gravações chegasse no público. O Fico vai alimentando uma apresentação de PowerPoint com trechos dos áudios dos arquivos – e ele usa esses slides tanto nas aulas da UFRJ, quanto compartilha com a imprensa quando encontra algum furo de reportagem que ajude a explicar, a entender o método da ditadura. Um desses furos é sobre uma questão que a própria ditadura criou e que tá aí até hoje:

Carlos Fico: Do desaparecido político. Quando uma pessoa era presa clandestinamente.

General Reynaldo de Almeida: O problema levantado é que durante o meu comando morreu um elemento no DOI-Codi do Primeiro Exército.

Vitor Hugo Brandalise: Esse é o General Reynaldo Melo de Almeida falando numa sessão do STM, em 19 de abril de 1978. O áudio tá meio ruim, então eu

vou repetir o que ele falou. *Abre aspas: "O problema levantado é que durante o meu comando morreu um elemento no DOI-Codi do Primeiro Exército."*

General Reynaldo de Almeida: A morte do ex-líder sindical Armando Fructuoso, nas dependências do DOI-CODI do Rio de Janeiro.

Vitor Hugo Brandalise: *Continuando: "A morte do ex-líder sindical Armando Fructuoso, nas dependências do DOI-CODI do Rio de Janeiro."* Ele tá falando do Armando Teixeira Fructuoso. Um eletricista. Líder sindical na Light, no Rio.

General Reynaldo de Almeida: Ele foi morto no CODI-DOI.

Ministro: De modo que... tenha sido morto e foi roubado.

Vitor Hugo Brandalise: De novo o General Reynaldo de Almeida diz, com todas as letras que o Fructuoso "foi morto no DOI-Codi". E, em seguida, um outro ministro – que o Carlos Fico não conseguiu identificar – responde – abre aspas: "De modo que tenha sido morto e foi roubado". Quer dizer: o corpo dele foi tirado de lá.

General Reynaldo de Almeida: declarou na auditoria, que estavam julgando cadáver.

Carlos Fico: esse tipo de caso é exemplar do problema do crime continuado do desaparecido político. Na verdade, eram sequestros, não eram prisões, porque nem havia mandados judiciais. Vamos supor, a gente está saindo do prédio aqui, você é preso. Aí vai levado também para um espaço também clandestino, porque o DOI-Codi era paralegal, era dentro da unidade do Exército. Era um lugar praticamente clandestino. Então é um processo todo já capenga do ponto de vista

legal. E então você começava a ser torturado frequentemente, até no caminho para esse lugar. Bom, chegava no lugar clandestino, era mais torturado, eventualmente morria. Morria. Né? Não aguentava a tortura e morria. Ou mesmo era assassinado porque eles queriam te matar.

Ministro: Foi esse?

General Reynaldo: Foi esse.

Outro ministro: Morreu?

General Reynaldo: Dizem aí que morreu.

Carlos Fico: Bom, essa pessoa, esse cadáver, era ocultado e se tornou um famoso desaparecido político. São inúmeros desaparecidos que ninguém sabe o que aconteceu.

Vitor Hugo Brandalise: 49 pessoas ainda desaparecidas hoje, segundo a Comissão Nacional da Verdade. Dezesesseis no Rio de Janeiro. A novidade nessa gravação é que ela traz um elemento inédito pra esse caso de desaparecido político que não foi resolvido oficialmente, até hoje. O caso do Armando Teixeira Frutuoso.

Carlos Fico: Claro, que a gente sabe que morreram. Mas a Comissão sobre Mortos e Desaparecidos, foi criada para isso, para dar uma certidão de óbito a alguém que morreu, mas que é tido como desaparecido. Esse caso é interessante justamente porque mostra que até a própria ditadura se confundia em relação a isso.

Ministro: Estavam julgando um cadáver.

Carlos Fico: Então, eles acabam julgando alguém que já estava morto. E aí o Rodrigo Otávio consegue arrancar do general Reinaldo Melo de Almeida, quando tinha sido comandante do primeiro exército aqui no Rio...

Vitor Hugo Brandalise: De 74 a 76, esse general foi comandante do Primeiro Exército, a divisão da qual o Rio de Janeiro fazia parte. Ele era responsável pela unidade onde o Frutuoso foi visto pela última vez.

Carlos Fico: ... consegue arrancar do general Reinaldo Melo de Almeida. Essa declaração. Né? De que "morreu, então morreu, quer dizer que a gente está julgando alguém que morreu?" O que é uma aberração completa.

Vitor Hugo Brandalise: O Armando Frutuoso foi preso e levado pro Doi-Codi no Rio de Janeiro, em agosto de 1975. Em março de 78, um mês antes da sessão do STM, o Exército abriu uma investigação para apurar se o líder sindical tinha sido assassinado em suas dependências. A conclusão do inquérito foi de que, abre aspas, "Armando Frutuoso nunca esteve preso naquela unidade", fecha aspas.

Bom, agora a gente sabe que o próprio comandante da unidade admitiu que o Armando teve lá, sim. E que sabia também o que tinha acontecido com ele.

***General Reynaldo de Almeida:** ... durante o meu comando morreu um elemento no DOI-Codi do Primeiro Exército.*

***Ministro Nelson Barbosa:** ... na verdade, submetido a exame de corpo de delito, foram constatadas lesões.*

Vitor Hugo Brandalise: Esse que a gente tá ouvindo agora, é o Ministro Nelson Barbosa. Não sei se deu pra entender o que ele fala, então eu vou repetir. Ele diz: "submetido a exame de corpo de delito, foram constatadas lesões".

Ministro Nelson Barbosa: Foram realmente constatadas essas lesões.

Vitor Hugo Brandalise: E repete: "Foram realmente constatadas essas lesões". Ele tava falando de um crime cometido pelo Estado contra um cidadão. Tortura. Ou "sevícia". E, como a gente sabe, o Estado brasileiro nunca pagou por esses crimes. Ouvindo essas gravações, o Carlos Fico entendeu de que maneira essa impunidade foi construída.

Carlos Fico: Nunca houve apuração das torturas. Em alguns poucos casos muito escandalosos, mandou-se a procuradoria investigar. Mas nenhuma investigação resultou em nada.

Vitor Hugo Brandalise: Nesse mesmo caso, em que o Ministro Nelson Barbosa tá falando do cidadão em que foram "constatadas as lesões", isso não parecia bastar.

Ministro Nelson Barbosa: Apurar como?

Vitor Hugo Brandalise: "Apurar como?" É que não havia uma indicação de quem pudesse ser o autor das lesões no torturado. O que se sabia é que era alguém que tinha uma patente...

Ministro Nelson Barbosa: "O tenente fulano, o sargento fulano".

Vitor Hugo Brandalise: Mas isso não era suficiente. Faltavam nomes. Com essa justificativa, o ministro disse uma verdade:

Ministro Nelson Barbosa: Nós não vamos apurar nunca.

Vitor Hugo Brandalise: “Nós não vamos apurar nunca.” E não é que ele tava admitindo a impotência – ou a incompetência – do tribunal.

Ministro Nelson Barbosa: A experiência indica que não se apura mesmo.

Carlos Fico: É horrível, não é?

Vitor Hugo Brandalise: É horrível. Mas o áudio mais horrível que o Fico me mostrou era de 27 de abril de 1976. Os ministros tavam comentando sobre o caso de um preso político que se suicidou.

*Ministros: Aquele alemão, que se atirou do quinto andar.
Isso DOI, isso DOI...*

Vitor Hugo Brandalise: Não sei se deu pra entender, porque o áudio não tá dos melhores nessa passagem. Mas os ministros tão tão imersos na perversidade do sistema, que nem tem vergonha de mandar um trocadilho infame:

Ministros: Isso DOI, isso DOI.

Vitor Hugo Brandalise: Isso "DOI" – numa referência ao Destacamento de Operações e Informações do Exército, o DOI. Tinha vários, e todo mundo sabia que eram centros de tortura.

Carlos Fico: As sessões secretas têm esse caráter, né, ou tem essa condição. As pessoas que participam de sessões secretas se sentem muito protegidas, né, e acabam falando de maneira, assim, desabrida, grotesca, grosseiramente ou jocosamente, mesmo em se tratando de vítimas.

Vitor Hugo Brandalise: A primeira vez que eu ouvi falar dessas gravações do Superior Tribunal Militar foi em abril de 2022, quando o Carlos Fico abriu parte dessa curadoria que ele tá fazendo pro jornal O Globo. Como um jornalista que tá se embrenhando pelo áudio, eu fiquei muito interessado no impacto de ouvir essas declarações. Esse dia a dia das decisões que arruinaram a vida de tanta gente. Quer dizer: parece enorme o potencial que esses áudios têm de tirar a gente da sensação de anestesia, de cinismo, de voltar a chocar. E claro que eu não fui o único a pensar nisso.

Carlos Fico: Eu fui procurado por muitas pessoas e, inclusive, fui muito ameaçado também.

Vitor Hugo Brandalise: O Fico não ficou surpreso com as ameaças. Porque não foi a primeira vez.

Carlos Fico: Desde que eu lancei o meu primeiro livro sobre esse tema, o *Como eles agiam...*

Vitor Hugo Brandalise: *Como eles agiam* é um livro que o Fico publicou em 2001, e é o resultado de outra pesquisa dele em outro grande arquivo: o da Divisão de Segurança e Informações, que fazia o monitoramento dos ministérios civis.

Carlos Fico: Quando eu lancei aquele livro, eu comecei a receber ameaças. Era muito engraçado, um dia vou publicar isso. Que vinham cartas. Vocês são jovens, não, talvez não se lembrem, mas tinha uns envelopinhos, assim, quadradinhos com a tarja verde e amarela, na moldura, e selinho. Tudo muito engraçado, né, antigo, hoje em dia ninguém escreve mais carta. E eu recebia aquelas cartas, falava "Ih, deve ser ameaça", porque eu virava no remetente.. E lá vinha remetente Fulano de Tal, Urca – bairro da Urca, aqui no Rio, onde moram muitos generais da reserva. Então, eu falava, "iiih..." Então, em geral, era uma cartinha dizendo "O senhor, um professor, como faz uma declaração dessa, quer se associar ao comunismo..." E algumas outras mais atrevidas, com algum tipo de grau de ameaça. E hoje em dia não usam mais cartas, usam outros meios. São coisas meio covardes. Em geral, essas pessoas têm uma iniciativa muito covarde. Aqueles velhos militares dos anos, anos 90, eles eram até mais corretos porque assinavam as cartas, né? Enquanto que hoje em dia tem muita ameaça anônima, né? Mas...

Vitor Hugo Brandalise: Com as ameaças, o Fico precisou tomar algumas providências.

Carlos Fico: ... providências em relação a isso. Como já havia tomado em outras ocasiões, com o apoio de instituições que ajudam nesse sentido, né?

Vitor Hugo Brandalise: Ele não quis entrar muito em detalhes sobre isso.

Carlos Fico: As pessoas ficam muito impressionadas e chocadas. Eu não gosto muito falar disso, mas... Porque parece uma vitimização, assim. Mas tem muita gente no Brasil ameaçada, né, de maneira muito mais

grave do que eu. Políticos que têm de andar com segurança, políticos que foram para o Exterior...

Vitor Hugo Brandalise: Mas eu não consegui não ficar chocado, mesmo depois de ter passado a tarde ouvindo barbaridades de 50 anos atrás. Acho que não consegui aprender nada sobre a importância da frieza.

Vitor Hugo Brandalise: Mas só o fato de um historiador ter de ter proteção quer dizer algo sobre esse Brasil, né?

Carlos Fico: Ah, mas com certeza há algo muito errado, né. Então, esse meu caso é bem banal, bem simples. Não envolve o nível de gravidade que afeta a vida de tantas outras pessoas. Nesse momento aí do governo Bolsonaro.

Vitor Hugo Brandalise: Aliás, por falar no Bolsonaro... o Fico me contou que agora, mergulhado no passado, ouvindo os ministros do Superior Tribunal Militar, ele tem tido quase uma sensação de *déjà vu* do presente... e não só no conteúdo. Na forma também.

Carlos Fico: É engraçado que às vezes eu tenho impressão: "meu Deus, eu estou ouvindo 11 Bolsonaros", porque todos têm um pouco essa maneira agressiva e um pouco também difícil de se expressar.

Vitor Hugo Brandalise: Não vai faltar registro em áudio "meio agressivo" e "meio desarticulado" pros historiadores do futuro. Boa sorte pra eles.

Branca Vianna: Esse foi o Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior da Rádio Novelo.

Olha, eu acredito, de verdade, que qualquer história pode ser contada em áudio. E aqui, no Rádio Novelo Apresenta, a partir de hoje todas as quintas-feiras você vai encontrar histórias sobre qualquer coisa. Histórias sobre política, sobre economia, sobre direitos humanos, sobre moda, sobre esporte... qualquer história que mereça ser contada pode aparecer por aqui – porque dá pra contar qualquer história em áudio.

Agora, eu acredito também que tem história que fica muito melhor quando é contada em áudio. Por isso, a gente queria abrir esse primeiro episódio com histórias em que ouvir faz toda a diferença.

Ouvir os áudios do Superior Tribunal Militar na época da ditadura é, sim, muito mais impactante do que só ler as declarações. A gente apreende, aprende mesmo mais sobre essa história ouvindo os personagens dela.

Mas no próximo ato do nosso programa, o aprendizado é sobre outra coisa. A Paula Scarpin e a Flora Thomson-DeVeaux, diretoras da Novelo, vão contar essa história.

ATO 2

Paula Scarpin: Não sei se você já ouviu falar no "momento madeleine".

Tem um trecho logo no primeiro volume do livro *Em busca do tempo perdido*, do Marcel Proust, em que o protagonista dá uma mordida um bolinho cheiroso que ele não comia fazia muitos anos – o bolinho chama madeleine – e de repente ele é transportado pra infância. Não literalmente, claro, que não é ficção científica. Mas ele é transportado em quase todos os sentidos possíveis. É um momento desses em que a memória te sequestra, sabe? Te arrebatava, te

leva para outro lugar. No caso dele foi um sabor, a memória veio pelo paladar. Mas às vezes, o que desencadeia isso é outro sentido, tipo a audição... é pela voz.

Guilherme Alpendre: Tô nervoso.

Paula Scarpin: A gente se fala 400 vezes por dia.

Guilherme Alpendre: Não no microfone, né, não me vendo.

Paula Scarpin: Eu sou a Paula Scarpin.

Flora Thomson-DeVeaux: E eu sou a Flora Thomson-DeVeaux.

Paula Scarpin: E o cara que a gente entrevistou já vai se apresentar.

Paula Scarpin: ... por favor, do jeito que você quiser.

Guilherme Alpendre: O pior é que eu sabia que cês iam perguntar isso e não me preparei. Meu nome é Guilherme Alpendre. Eu me formei em jornalismo e trabalho com assuntos relacionados a isso faz bastante tempo. Venho de uma periferia de São Paulo, Pirituba. É, e...

Flora Thomson-DeVeaux: E você trabalha na Rádio Novelo.

Guilherme Alpendre: E hoje eu trabalho na Rádio Novelo.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente sequestrou o Gui, que normalmente fica nos bastidores aqui na Novelo, cuidando da direção executiva, pra falar sobre um momento tipo aquele da madeleine.

Paula Scarpin: A gente queria pedir também pra você contar o que aconteceu no dia 13 de fevereiro de 2018, aqui em casa, aqui na minha casa e da Flora.

Guilherme Alpendre: Nada. Eu não tava aí. Dia 13 de fevereiro...

Paula Scarpin: Fevereiro de...

Guilherme Alpendre: de 2018 eu estava me mudando para Brasília.

Paula Scarpin: Não. Era um carnaval. **Guilherme:** Dia 13? Dia 13 era Quarta-Feira de Cinzas?

Paula Scarpin: Eu conheço o Gui há muitos anos, a gente se conheceu na faculdade. Era por isso que, antes de a Novelo existir, ele tava ali na minha casa no carnaval, enchendo tudo de purpurina.

Guilherme Alpendre: Bom, meu nome é Guilherme e eu sou obcecado com datas e calendários. Não me lembro desse dia.

Flora Thomson-DeVeaux: Olha, a gente sabe que alguma coisa aconteceu. Que a gente deu ração para o gato.

Guilherme Alpendre: Cês deram ração pro gato. Ai, meu Deus! The fat cat. Jura que foi nesse dia que eu "fed the cat, fat cat"?

Flora Thomson-DeVeaux: O que aconteceu foi o seguinte. A gente tem um gato gordinho. Eu nasci e cresci nos Estados Unidos, então às vezes eu me expresso na minha língua materna. E naquele dia, eu olhei pro nosso gato gordinho e falei "fat cat".

Paula Scarpin: Foi muito esquisito. A Flora falou "fat cat" e os olhos do Gui se iluminaram de um jeito... Era como se ele já não tivesse mais ali com a gente, sabe? Ele foi pra outro lugar.

Flora Thomson-DeVeaux: Deu até um pouco de medo, ele parecia um daqueles espões de filme... que o cara é hipnotizado e ativado com uma palavra-chave. Tipo, agora que eu falei "fat cat" o Gui vai sair daqui e matar o presidente, alguma coisa assim.

Paula Scarpin: Mas em vez disso, ele só ficou falando: "I fed the cat. Fat cat. I fed the cat. Fat cat."

Flora Thomson-DeVeaux: O que a gente não sabia é que o Gui não tava mais na nossa sala no Rio, em 2018. Ele tava lá em Pirituba, nos anos 90.

Guilherme Alpendre: Eu morava lá em Pirituba com os meus pais, meus pais achavam muito importante que eu estudasse inglês. E quando eu tinha nove anos, eles me matricularam na única escola de inglês que tinha no bairro chamada American School. E aí o dono da American School, era o professor Ederaldo. Ele também era a pessoa que datilografava todas as apostilas e que dava aulas para todas as turmas. Era uma escola de um homem só. E era uma escola para adultos. Assim não tinha tipo de turma de criança. Eu era a única criança, eu tinha nove anos. Tinha um monte de adultos, inclusive duas que uma mulher chamava Lady e uma mulher que chamava Laura. E o professor Ederaldo sempre cantava a música Lady Laura para elas ou tinha que ler um diálogo e ele mandava fazer "Lady e Laura!" "Cacete, de novo essa mesma piada." Eu lembro que quando eu tinha uns 14 anos eu ia terminar o curso, porque era o curso que ele dava era de cinco anos, ele inclusive falava isso, que "qualquer escola de inglês que fala que vai ensinar inglês em dois anos é mentira. Leva cinco anos para ensinar inglês." E aí, quando eu estava chegando perto dos cinco anos, achei que ia acabar. Me formar em inglês. Meus pais falaram: "não, cê não vai se formar. Você vai voltar para o começo, se não você vai esquecer". Daí então eu ficava voltando.

Paula Scarpin: Eu tinha essa memória de que você tinha feito o mesmo curso duas vezes e não sabia se eu estava inventando isso.

Guilherme Alpendre: Duas vezes de bondade sua. Foram várias, porque às vezes a turma acabava, mudava de horário, então assim... tinha

época que eu fazia um nível durante a semana e um nível no sábado. Eu fazia dois níveis ao mesmo tempo.

Paula Scarpin: No fim, o Gui acabou fazendo o mesmo curso de inglês da marmota dos nove aos dezoito anos.

Guilherme Alpendre: É, ele usava sempre umas fitas e uns CDs. Enfim, os conteúdos. Fita VHS, fita cassete com conteúdos pedagógicos de inglês, assim, um pouco antigos. Isso eram os anos 90, mas ele usava coisas que os da BBC claramente eram anos 70. As pessoas tinham calça boca de sino. E uma das coisas que ele gostava de pôr era umas... que depois a Flora me deu o nome, né, mas eu o chamava de umas narrativas cantadas, uma, diálogos interpretados por uma única pessoa. E ele repetia isso muito, muito, muito, muito. E essas coisas acabavam virando frases prontas na cabeça. Isso... frequentemente eu me lembro delas. Então, uma delas, uma dessas musiquinhas, era sobre o fat cat. Não lembro mais inteira como era. Mas lembro que tinha uma coisa que era. "I fed the cat. Fat cat." Ela mesma respondia, na música ela fazia as duas vozes.

Flora Thomson-DeVeaux: O Gui não tem a menor ideia de quantas vezes ele deve ter ouvido cada uma daquelas fitas. Mas, enfim, pensa que foram nove anos do mesmo curso de inglês. Aquele diálogo deve tá tatuado em algum neurônio dele.

Paula Scarpin: Naquele dia, o Gui contou tudo isso pra Flora e pra mim. E ele disse uma coisa que pra Flora é que nem catnip – sabe, aquela erva de gato, que deixa o gato doidão? O catnip da Flora são desafios. Ela fica doida com desafios de pesquisa... e o Gui disse que ele "nunca mais tinha conseguido achar aquelas gravações".

Flora Thomson-DeVeaux: Não posso ouvir uma coisa dessas...

Guilherme Alpendre: Mas é, é o tipo de coisa também que você se pergunta, mas não pesquisa. Eu poderia ter jogado no YouTube um pedaço, ou no Google. Simplesmente só nunca passou pela minha cabeça.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, eu queria dizer que não foi só jogar no YouTube, tá? Eu acabei achando a maior parte das gravações em algum fórum russo aleatório. Nem lembro. Mas enfim, deu pra achar.

Paula Scarpin: Em dois minutos.

Paula Scarpin: Se você puder acompanhar, se cê lembrar.

Guilherme Alpendre: Ah, não tinha acompanhamento musical.

Paula Scarpin: A gravação era diferente daquela que tocava nas aulas do Professor Ederaldo, mas o texto era o mesmo. É um monólogozinho ritmado sobre uma criança que acorda e vai tocando o dia dela: se veste, escova os dentes, toma café da manhã... e dá ração pro gato.

Ator: I woke up early. Early in the morning. Got out of bed. Comfortable bed. Jumped on the pillow. Soft pillow. Stood on my head. Hard head. Took off my pajamas. Polka dot pajamas. Put on my clothes, beautiful clothes. Brushed my teeth. Nice white teeth. Blew my nose, tiny little nose. Had my breakfast. Great big breakfast. Fed the cat. Fat cat. Back to my room. Nice little room. Opened the door. Great big door. Saw my pajamas. Polka dot pajamas. On the floor. Polka dot pajamas. Picked them up. Polka dot pajamas. Put them in a drawer. Polka dot pajamas. Picked up my books, three or four, said goodbye to Mama and ran out the door.

Guilherme Alpendre: Nossa, dessa não lembrava quase nada, quase nada. Mas quando falou "polka dot pajamas" deu o gatilho.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente tocou várias dessas gravações pro Gui naquele dia no estúdio, vendo o que acontecia. E tirando a do "fat cat", as outras eram, sim, das fitas originais. Aquelas que tocavam na aula do Professor Ederaldo.

*Carolyn Graham: Where were you born? I'd rather not say.
Where are you from? I'd rather not say.*

Paula Scarpin: Essa voz que você tá ouvindo é de uma pedagoga americana chamada Carolyn Graham. Foi ela que criou esse método e fez essas gravações nos anos 70. A metodologia dela tinha nome: *jazz chants*.

Flora Thomson-DeVeaux: A ideia era assim: você pode até aprender a pronúncia correta de uma língua, mas às vezes, quando você fala, sai meio aos trancos e barrancos, sabe, meio robô?

Paula Scarpin: Travado.

Flora Thomson-DeVeaux: É, você não tá falando no *ritmo* de um falante nativo. A Carolyn Graham era pianista de jazz. E ela achava que quando você destaca os *ritmos* da fala – que são meio parecidos com os ritmos do jazz, uma coisa meio solta, assim – quem tá aprendendo inglês aprende a falar mais naturalmente. Aí ela criou esses diálogos que são meio rap, meio cantados. E ela chamou de *chants*.

Carolyn Graham: Where were you born?

Class: I'd rather not say.

Carolyn Graham: Where are you from?

Class: I'd rather not say.

Paula Scarpin: Nesse exercício aí, ela vai fazendo perguntas e a resposta é sempre "Prefiro não responder".

Flora Thomson-DeVeaux: é, os alunos aprendem a falar "I'd rather not say" em vez de "I'd rather not say". É uma coisa do ritmo da fala mesmo. Só que nesse mesmo exercício, tem uma coisa...

Carolyn Graham: How much do you weigh?

Flora Thomson-DeVeaux: ... estranha.

Class: I'd rather not say.

Carolyn Graham: How much rent do you pay?

Class: I'd rather not say.

Paula Scarpin: É, as perguntas vão ficando mais agressivas. Tipo, começa com "onde você nasceu" e vai passando pra "quanto você ganha?"

Carolyn Graham: How much do you make?

Class: I'd rather not say.

Flora Thomson-DeVeaux: Por que que você não se casou?

Carolyn Graham: Why aren't you married?

Class: I'd rather not say.

Paula Scarpin: Por que que você não teve filhos?

Carolyn Graham: Why don't you have children?

Class: I'd rather not say.

Flora Thomson-DeVeaux: Onde você tava ontem à noite? Você chegou tarde? Chegou com alguém?

Carolyn Graham: Where were you last night? Why weren't you home? Did you stay out late, did you come home alone,

did you have a good time, did you see a good play, did you go to a concert?

Class: *I'd rather not say.*

Flora Thomson-DeVeaux: Gente, parece um treinamento para um espião.

Paula Scarpin: É muito agressivo mesmo, né?

Guilherme Alpendre: Agora, se você pedisse pra me apresentar, eu diria "I'd rather not say".

Flora Thomson-DeVeaux: Aí tem uma gravação que me deixou particularmente assombrada desde que eu ouvi pela primeira vez. É de uma mulher que perdeu alguma coisa. Não vou falar mais nada, vamo só ouvir.

Paula Scarpin: Não precisa entender inglês pra perceber o que tá acontecendo.

Carolyn Graham: *Six. It's got to be somewhere.*

Guilherme Alpendre [junto com a gravação]: Where is it, where is it, where is it, where is it? I can't find it! She can't find it. It's got to be here. It's got to be here. It has to be here. It's gone, it's gone, it's gone, it's gone! Take it easy, take it easy. It has to be here, it must be here, it can't be lost, it can't be lost! It's got to be here! It's got to be here. Try to remember. Try to remember. I can't remember, I can't remember. Think back, I can't think! Think back, I can't think!

Where did you put it, where did you put it? I can't remember, I can't remember! Here it is, here it is. Thank heavens, thank heavens, I found it. She found it. Here it is, here it is. Phew!

Guilherme Alpendre: Essa é outra também que tem um gatilho forte. "Where did you put it."

Paula Scarpin: Queria só parar um segundo aqui. Não sei se você já fez aula de inglês, na escola, num cursinho que nem o do Gui, ou particular... ou se você já estudou qualquer outra língua, não sei. Mas você já ouviu algum material didático tão angustiado assim?

Carolyn Graham: *It's gone, it's gone, it's gone, it's gone!*

Take it easy, take it easy...

Flora Thomson-DeVeaux: Você não fica, ouvindo agora, você não fica meio preocupado, assim, com o estado mental da pessoa que gravou esses diálogos?

Guilherme Alpendre: Nem um pouco. Não...

Flora Thomson-DeVeaux: Eu aprendi espanhol, aprendi português. Eu me lembro de ter nenhum exercício de listening que tivesse conteúdo tão aflitivo, tão carregado assim.

Guilherme Alpendre: É... Então... Era assim. É isso, eu nunca questioneei. Eu comecei a fazer inglês com nove anos, tipo, era isso que tinha. Era outro tempo, não tinha... Era antes do advento da internet. Então eu não tinha contato, não tinha contatos com inglês, não tinha TV a cabo, não tinha a tecla SAP, não tinha nada. Então onde eu ouvia inglês? Nas fitas do professor Ederaldo.

Flora Thomson-DeVeaux: Pro Gui, tudo isso era normal.

Paula Scarpin: E na verdade, quando a gente chamou a atenção dele pro fato de que o material didático parecia ser a gravação de uma pessoa em surto, ele gostou mais ainda.

Guilherme Alpendre: Eu acho que era bom esse surto – é um negócio que não dá para não prestar atenção. Nas outras fitas você ficava lá, meio "bleh", que era áudio, então cê ficava olhando pro vazio, olhando

pro professor Ederaldo dormindo e você não sabia bem – tipo, cê se distraía. Esse negócio, não – "Where did you put it, where did you put it". "I can't remember, I can't remember!" "Try to remember." "I can't remember." "Think back." "I can't think!" Ai... Gosto.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu fiquei me perguntando se eu teria aprendido português mais rápido se todo o material fosse assim, sabe? Memorável até demais.

Paula Scarpin: Hm, acho que você já aprendeu bem rápido, bem demais, até.. Mas no meu caso, a única gravação que eu lembro de todas minhas aulas de inglês – que não foram poucas – era uma mulher num exercício de listening que era: "Listen! The neighbors are having a row!" "Escuta, os vizinhos estão brigando!"

Flora Thomson-DeVeaux: É, porque é angustiada também! O resto devia ser tão banal, né? Aí vem aquela única frase que te lembra. Mas no caso dessas jazz chants, é um pacote completo. Cê tem o conteúdo, que tem uma tensão dramática ali... aí tem a voz.

Carolyn Graham: I said, ssh, shh, baby's sleeping. What did you say? What did you say?

Paula Scarpin: Assim, você não precisa mesmo falar inglês pra sentir que tem uma coisa acontecendo ali.

Guilherme Alpendre [junto com a gravação]: What did you say? I said please be quiet, baby is sleeping. What did you say? What did you say? I said, shut up, shut up, baby's sleeping! I said, shut up, shut up, baby's sleeping! Waaah! Not anymore.

Guilherme Alpendre: Viu, eu lembro de cor.

Paula Scarpin: A gente chegou a entrar em contato com a Carolyn Graham, logo depois de descobrir os jazz chants lá naquele carnaval – mas nunca deu certo de a gente marcar uma entrevista, e ela acabou deixando de responder. O professor Ederaldo tá aposentado há alguns anos, ele não sabe onde as fitas foram parar. O que ficou... foi esse eco na cabeça do Gui.

Flora Thomson-DeVeaux: Já que a gente tá no terreno do inglês, eu vou aproveitar pra usar uma expressão da minha terra. Na rádio pública dos Estados Unidos, o povo fala muito em “driveway moments”...

Paula Scarpin: ... que é aquela entradinha de garagem.

Flora Thomson-DeVeaux: É a ideia de que você tá dirigindo e ouvindo uma história na rádio... E aí você chega na sua casa, estaciona o carro. E não consegue desligar o rádio, porque você precisa ouvir o resto da história. O que a gente quer fazer com o Rádio Novelo Apresenta é um pouco isso.

Paula Scarpin: Mas não é pra te prender. É que a gente tá absorvendo uma quantidade tão absurda de conteúdo todo dia, toda hora... e eu sinto que a vasta maioria entra por um ouvido e sai pelo outro, sabe? A gente quer te trazer histórias que te marquem.

Flora Thomson-DeVeaux: Com sorte, sem que você tenha que ouvir quatrocentas mil vezes, que nem o Gui.

Class: [Where did you put it, where did you put it?

Carolyn Graham: I can't remember, I can't remember! Ah! Here it is, here it is. Thank Heavens.

Class: Thank Heavens.

Carolyn Graham: I found it!

Class: She found it.

Carolyn Graham: Here it is, here it is. Phew.

Guilherme Alpendre: E tinha a sopradinha no final.

Branca Vianna: Paula Scarpin, Flora Thomson-DeVeaux... e Guilherme Alpendre. Diretores da Novelo.

Esse primeiro episódio do Rádio Novelo Apresenta tá chegando ao fim, e eu queria te agradecer por ter chegado até aqui com a gente.

Se você gostou, você ajuda muito compartilhando, dando cinco estrelas, e principalmente falando do podcast por aí.

Eu queria te convidar também pra conhecer o site da Rádio Novelo, onde você encontra mais detalhes sobre as histórias de cada episódio aqui do Rádio Novelo Apresenta e também sobre os nossos outros originais e projetos em parceria.

Lá você também pode se inscrever na nossa newsletter, pra receber os novos episódios direto no seu e-mail.

Te convido também a seguir a gente nas redes sociais: somos @radionovelo no Twitter, Instagram e no Facebook. Nossos episódios também estão disponíveis no canal da Rádio Novelo no YouTube.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda quinta-feira tem episódio novo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de estratégia é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta.

Nossos produtores são a Bárbara Rubira, a Clara Rellstab, a Cláudia Holanda, a Gabriela Varella, a Júlia Matos e a Natália Silva.

O desenho de som desse episódio é da Paula Scarpin.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

Neste episódio, a gente usou música original do Pedro Nego, do Chico Correa, da Luna França e do Arthur Kunz – compostas especialmente pro Rádio Novelo Apresenta.

A mixagem é do Pipoca Sound.

A promoção e distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos. O Eduardo Wolff faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho. Obrigada, e até semana que vem.